

A Rússia e a utilização de medidas ativas nas eleições
americanas de 2016

Filipe Rocha Guerra da Silva

Dissertação elaborada como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Internacionais

Orientador:

Prof. Doutor Riccardo Marchi

Investigador

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro de 2020

Agradecimentos

Quero começar por agradecer aos meus pais, irmão e família pelo apoio constante ao longo do meu percurso académico, que me acompanharam para este caminho, de bom grado, sempre disponíveis para me ajudar a alcançar o sucesso pessoal ou académico.

Também quero agradecer imenso à minha namorada, Daniela, pelo amor e carinho sempre presente no decorrer destes anos, ao ouvir e consolar-me sempre que precisava, incentivando-me sempre para persistir na exploração de mais conhecimento. Contigo do meu lado ultrapasso qualquer obstáculo que possa aparecer, és a melhor parceira que poderia desejar para a minha vida.

Um grande obrigado também ao Daniel Mota, João Neves, José Vicente e João Magalhães, por serem os meus grandes, gigantes amigos que sempre me apoiaram. Quero agradecer também ao João Pereira, por ter realizado este mestrado em Estudos Internacionais comigo, sempre disposto para me acompanhar em qualquer fase do mesmo.

Um especial obrigado ao meu orientador, Professor Doutor Riccardo Marchi, por ter aceitado ajudar-me nesta dissertação, pela interminável disponibilidade e atenção que sempre teve.

Por fim, agradeço ao ISCTE como um todo, pela fantástica jornada que tive ao longo da licenciatura e mestrado.

Resumo

Durante a Guerra Fria, a União Soviética desenvolveu métodos de interferência externa de modo a expandir o plano soviético a nível ideológico, simultaneamente tentando conter os avanços dos Estados Unidos. Para este fim, foram usadas uma variedade de ferramentas. Estas adquiriram o nome coletivo de "medidas ativas". Hoje, a Rússia ressuscitou essas formas de guerra não-convencional para alcançar os seus objetivos políticos sem recorrer diretamente a conflitos armados. Assim, adaptou as técnicas de medidas ativas ao ambiente estratégico moderno com sucesso ao expandir a sua esfera de influência internacional. A presente dissertação pretende analisar a forma como a Rússia realizou estas operações no que toca às eleições americanas de 2016.

Palavras-chave: Rússia, medidas ativas, interferência externa, guerra híbrida.

Abstract

During the Cold War, the Soviet Union developed methods of foreign interference in order to expand the Soviet ideological plan, while attempting to contain the advances of the United States. For this purpose, a variety of tools were used. Such tools acquired the collective name of "active measures". Today, Russia has resurrected these forms of unconventional warfare to achieve its political goals without making direct use of armed conflicts. Thus, it has successfully adapted active measurement techniques to the modern strategic environment by expanding its international sphere of influence. The present dissertation intends to analyze the way in which Russia has undertaken these operations regarding the 2016 American elections.

Keywords: Russia, active measures, foreign interference, hybrid warfare.

ÍNDICE

Índice de Figuras	xi
Glossário de Siglas	xiii
1. Introdução	1
1.1. Plano de Pesquisa.....	2
1.1.1. Operacionalização de conceitos.....	2
1.1.2. Método de análise, seleção de casos e aquisição de dados	3
1.2. Contextualização.....	5
2. Revisão de Literatura	7
3. Medidas Ativas	17
3.1. Estrutura governamental.....	17
3.2. Técnicas.....	19
4. Apresentação do Estudo de Caso	21
5. Conclusões	28
Bibliografia	33

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1. Estrutura de inteligência da Rússia	19
Quadro 3.1. Natureza das técnicas de medidas ativas da Rússia.....	20

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

CIA: Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency*)

EUA: Estados Unidos da América

FBI: Departamento Federal de Investigação (*Federal Bureau of Investigation*)

FSB: Serviço Federal de Segurança

GRU: Departamento Central de Inteligência

ICA: Avaliação da Comunidade de Inteligência (*Intelligence Community Assessment*)

IRA: Agência de Pesquisa na Internet (*Internet Research Agency*)

NATO: Organização do Tratado Atlântico Norte (*North Atlantic Treaty Organization*)

NSA: Agência de Segurança Nacional (*National Security Agency*)

SVR: Serviço de Inteligência Estrangeira

1. INTRODUÇÃO

Várias alegações em redor da interferência russa nas eleições americanas de 2016 chamaram à atenção do público em geral e, em especial, da comunidade académica das Relações Internacionais devido aos vários temas à qual esta interferência alude. Na raiz desta temática estão as preocupações acerca da segurança do processo eleitoral dos EUA, e de que um poder rival poderia influenciar os resultados de uma eleição democrática, sem ser uma interferência abertamente visível. Devido às referidas alegações desde 2016, várias investigações foram realizadas em redor de um possível conluio entre Donald Trump e o Kremlin, sendo uma das mais proeminentes e importantes a investigação realizada por Robert Mueller.

As acusações ao governo da Rússia envolviam atividades por agências governamentais russas, peças criadas por media apoiados pelo Estado da Rússia e *trolls* pagos para espalhar desinformação na Internet, bem como operações secretas, incluindo atividades cibernéticas ilícitas conduzidas por agentes de inteligência. Será nestas acusações que a minha dissertação se foca, pondo de parte a questão do conluio de Trump com o Kremlin. Assim, esta dissertação aprofundará o estudo acerca destas alegações sobre o governo russo, no âmbito das Relações Internacionais, tendo em conta conceitos relevantes ao tema, nomeadamente as medidas ativas, nas quais se inserem muitas das actividades descritas. As medidas ativas poderão ser vistas por Putin como uma das mais importantes armas no seu arsenal político, visto que ajudam a Rússia a alcançar os seus objetivos geoestratégicos, de forma subversiva. São, então, efetivamente uma componente essencial da política externa do Kremlin tornando este tema altamente relevante no âmbito de estudos de segurança e Relações Internacionais.

Este estudo contribuirá para o corpo académico de várias formas. Primeiro, ajuda a literatura ao destacar como a linha que separa a diplomacia tradicional da Rússia e as medidas ativas, diplomacia dissimulada com o intuito de coerção, se tornou distorcida – ou, por outras palavras, é uma forma de clarificar que as medidas ativas são, hoje, uma ferramenta importante no arsenal da diplomacia russa. Isto pois, antes de 2014, investigadores e académicos faziam a distinção entre Estados pós-soviéticos que seriam os alvos de medidas ativas e Estados ocidentais que, por outro lado, seriam alvos de diplomacia pública principalmente (Saari, 2014). Em segundo lugar, a dissertação procurará analisar uma possível continuidade entre as medidas ativas soviéticas e os padrões atuais na política externa russa, utilizando o contexto das eleições americanas de 2016

devido à maior abundância de dados e relevância temporal. Por fim, complementa a investigação académica actual muito relevante, que se centra essencialmente no papel dos media, da tecnologia e de outros métodos mais contemporâneos na chamada *hybrid warfare*, conceito que será abordado mais à frente. Assim, ao analisar a alegada guerra política e as medidas ativas utilizadas pela Rússia, tendo em atenção o contexto moderno em que se inserem, pretendo responder à seguinte questão de pesquisa:

- Como e porque é que a Rússia interferiu nas eleições americanas de 2016 através de medidas ativas?

O objetivo principal deste estudo é examinar a utilização de medidas ativas da Rússia tendo como caso específico de estudo a intervenção nas eleições americanas. Incluída na pesquisa está a análise da conduta do Kremlin para descobrir divergências entre a Rússia e o Ocidente, desde que Vladimir Putin chegou ao poder no início do milénio, de forma a contextualizar a dissertação.

É importante notar que não terei como objetivo a análise das relações da Rússia com alguns Estados em particular, pois espero concentrar este estudo nos procedimentos da Rússia em si. Por fim, a dissertação terá também os seguintes objetivos: descrever de forma organizada as medidas ativas da Rússia num contexto contemporâneo e abordar os desafios que o Ocidente enfrenta para criar mecanismos de defesa eficientes contra medidas ativas.

1.1. Plano de Pesquisa

1.1.1. Operacionalização de conceitos

Passando então para o meu plano de pesquisa em si, começo por definir os principais conceitos para a dissertação, que serão alongados na revisão de literatura. Início esta fase com o conceito relevante mais abrangente, sendo este o de guerra política (*political warfare*).

Para definir este termo, apoio-me nas contribuições do antigo diplomata americano George Kennan que, em 1948, definiu guerra política como “a utilização de todos os meios a comando de uma nação, aquém da guerra, para alcançar os objetivos nacionais” servindo também para “avançar a sua influência e autoridade e enfraquecer a dos seus adversários” (Kennan, 1948). Kennan possui

uma das definições mais consensuais de guerra política, especificando, na sua definição, que guerra política pode englobar operações tanto abertas como dissimuladas/disfarçadas.

O conceito de guerra híbrida também tem de ser definido, tendo em conta que medidas ativas se inserem dentro deste conceito de Relações Internacionais. Como refere Chivvis no seu testemunho em 2017, ao Comité de Serviços Armados dos Estados Unidos, “a guerra híbrida refere-se ao uso de uma ampla gama de instrumentos subversivos por Moscovo, muitos dos quais não são militares, para avançar os interesses nacionais russos”. Isto significa também que o termo de guerra híbrida pode ser usado de diferentes formas (Chivvis, 2017). O conceito de guerra híbrida fornece um espectro de possíveis escolhas de uma ou mais ações como, por exemplo, impactos no espaço cibernético de informação ou até atividades criminosas envolvendo sequestro e assassinatos. Tais ações são geralmente espalhadas ao longo do tempo e dão a impressão de que as mesmas não estão conectadas, de forma alguma. No entanto, em prol desta investigação, a guerra híbrida pode ser definida como uma combinação de métodos convencionais ou não-convencionais, táticas assimétricas e/ou terrorismo com ações de natureza criminosa, sendo assim uma forma única, planeada e sincronizada de impacto de vários níveis (político, social ou económico, por exemplo) ao lado oposto através de instrumentos militares e não-militares (Banasik, 2016).

Por fim, dentro de guerra híbrida podemos inserir o conceito chave desta dissertação que são as medidas ativas. Seguindo a definição utilizada por Darczewska e Zochowski (2017), as medidas ativas são definidas como "atos de contra-inteligência tornando possível penetrar as intenções do inimigo, permitindo que os seus passos indesejados sejam antecipados, para levar o inimigo ao erro, para lhe retirar iniciativa, para frustrar as suas próprias ações de sabotagem” (Darczewska & Zochowski, 2017). Como tal, as medidas ativas, em contraste com medidas defensivas, são ofensivas na sua natureza, permitindo detetar e prevenir atividades hostis nas suas fases mais iniciais, forçando desta forma o adversário a expor-se, forçando-o a agir em condições adversas e das formas desejadas pelos serviços de inteligência russos (Darczewska & Zochowski, 2017).

1.1.2. Método de análise, seleção de casos e aquisição de dados

Para a minha dissertação, irei utilizar metodologia qualitativa enquanto método principal para analisar os dados. Bhattacharjee (2012) descreve a análise qualitativa como a análise de dados

"fortemente dependente das habilidades analíticas e integrativas do investigador e do conhecimento pessoal do contexto social onde os dados são colecionados". Assim, escolho um método qualitativo devido à natureza das fontes que vou analisar e tendo em conta os objectivos inerentes à investigação que vou realizar.

Para os investigadores que utilizam a análise qualitativa, é imperativo ter uma atitude ética, investigativa e participativa no contexto de estudo (Esch & Esch, 2013). No âmbito deste estudo, é uma mais valia examinar vários documentos de forma a extrair dados para realizar a investigação. Então, focar-me-ei em análise documental, ao investigar fontes fidedignas de informação onde posso adquirir os dados necessários para realizar um estudo de caso. A análise de documentos é um procedimento sistemático para avaliar os mesmos. Como outros métodos analíticos na pesquisa qualitativa, a análise documental exige que os dados sejam examinados e interpretados para obter significado, obter entendimento e desenvolver conhecimento empírico (Bowen, 2009). Sendo a minha dissertação acerca da Rússia e as suas medidas ativas, apresentarei um estudo de caso acerca do alegado envolvimento russo nas eleições norte-americanas, pois será a partir daí que retirarei os dados para fazer a análise.

O estudo de caso ajuda a que seja obtida uma interpretação rica do objeto de investigação, tendo em conta a sua capacidade de capturar de forma eficaz um conjunto de dados contextuais. O objeto de estudo, que são as medidas ativas, pode ser estudado a partir das perspectivas de um ou vários participantes e também tendo em mente diferentes níveis de análise, tanto a nível individual como organizacional (Bhattacharjee, 2012).

O método de estudo de caso é apropriado para estudos exploratórios e para estudos que visam compreender processos complexos e temporais de um certo evento ou fenómeno. Este método é adequado também para estudar processos organizacionais complexos que envolvem múltiplos participantes e sequências de eventos que se interligam entre si (Bhattacharjee, 2012), pelo que se insere de forma relevante no meu estudo, enquanto metodologia a ser utilizada. O estudo abrange um espaço temporal desde meados de 2014 até a atualidade. Assim, poderei analisar situações em que são utilizadas medidas ativas, como por exemplo o uso de *troll farms*, manipulação dos media e o esforço para a divisão da coesão ocidental a nível de alianças através de agentes de influência ou grupos sociais.

Por fim, limitei a pesquisa para esta tese a informações maioritariamente abertas ao público, disponíveis em livros, periódicos académicos, artigos de jornais, documentários e a audiências,

testemunhos e relatórios governamentais. Para além disto, é importante reforçar que, devido à natureza das medidas ativas e à desinformação existente sobre este termo, cabe-me a responsabilidade de analisar as fontes de forma a verificar a sua credibilidade, para que se minimizem erros de parcialidade. Isto é verdadeiro quer lide com dados provenientes de fontes russas ou americanas, ambas poderão eventualmente mostrar parcialidade. Assim, os dados de fontes primárias para esta dissertação serão procurados a partir de, por exemplo, o website oficial do Kremlin – uma fonte fidedigna, onde as declarações públicas oficiais dos líderes russos relacionados a questões de política externa são apresentadas e traduzidas sem restrições de acesso; dados vindos de relatórios de inteligência dos EUA ou relatórios de investigação judicial acerca de interferência russa que possa ser identificada como medidas ativas, incluindo o relatório de Robert Mueller, ou a investigação dos Comités de Inteligência tanto por parte do Congresso como Senado americano. Para além destes, relatórios realizados pelo Conselho Europeu de Relações Exteriores e também pela organização independente Hybrid CoE também serão valiosos para a pesquisa.

1.2. Contextualização

De forma a analisarmos a intervenção da Rússia nas eleições americanas de 2016, é importante ser melhor compreendida a atitude russa em relação ao Ocidente, através de uma contextualização contemporânea. Início esta etapa com algumas considerações gerais. Primeiramente, a recuperação económica da Rússia, no virar do século, juntamente com a consolidação do poder político de Vladimir Putin, com um método governativo claramente diferente de Boris Yeltsin, o anterior líder da Rússia, fundamentaram o retorno de uma Rússia mais sólida para o sistema internacional. Ao mesmo tempo, isto permitiu que a Rússia tentasse reestabelecer o equilíbrio de poder internacional, através da postura assertiva que é conhecida através da sua manifestação em diversos eventos diferentes desde o início do século (Rumer, 2017). Começo então pelo discurso de Putin na Conferência de Segurança em Munique, em 2007, que nos dá bastante informação acerca da perspetiva do Kremlin no que toca aos balanços de poder a nível internacional. Assim, Vladimir Putin proferiu um discurso na 43ª Conferência de Munique acerca de políticas internacionais de segurança, ao referir a questão de polaridade, um conceito bastante conhecido nas Relações Internacionais. Acusou os EUA de impor suas políticas económicas, políticas e culturais a outras

nações e de fomentar iniciativas militares alegadamente ilegítimas. Putin passou depois para uma acusação à NATO de seguir uma agenda expansionista, apesar das garantias dadas à Rússia após a dissolução do Pacto de Varsóvia de que não haveria expansão para a Europa Oriental (Putin, 2007). Como se sabe, a NATO, em 2009, já tinha incluído todos os países do antigo Pacto de Varsóvia e vários países do antigo bloco soviético. Tendo isto em conta, no seu programa de estratégia de segurança nacional (Russian Federation, 2015), já muito perto das eleições americanas de 2016, a Rússia enuncia a expansão da NATO e as influências dos EUA na Eurásia como principais ameaças à sua segurança nacional.

A liderança russa deste milénio vê a expansão económica e política ocidental, tanto dos EUA como da União Europeia, com uma preocupação semelhante à que foi referida. Após o colapso da União Soviética e a subida ao poder de Putin, os novos oligarcas da Rússia aproveitaram as instituições democráticas fracas e os frágeis sistemas de vigilância na Europa Central para promover redes financeiras que beneficiassem tanto os oligarcas como os interesses do Kremlin (Conley A. H., et al. 2016). Estes mesmos oligarcas, que também desempenham um papel importante na governação russa, graças a ligações a próprios membros do Estado, aproveitam as suas redes comerciais e financeiras para exercer influência na Europa.

Por outro lado, no que toca aos EUA, a situação difere no que diz respeito à abordagem. O Ocidente impôs ao longo dos anos várias sanções à Rússia, devido a diversos incidentes, como o que se sucedeu na Crimeia. A Rússia, por sua vez, respondeu de forma bastante agressiva por meios clandestinos. Para retaliar, realizou uma operação que consistiu em ataques ao sistema político americano, nomeadamente influenciando a eleição presidencial de 2016 por meios tecnológicos e de informação, com objetivos de minimizar as chances de eleição de Hillary Clinton e promover Donald Trump. Esta linha de acções é justificável pelo facto de Trump ter causado bastante divisão na população americana, aquando das eleições de 2016 até hoje. Coincidentemente, Dmitry Medvedev, primeiro-ministro russo, declarou, na Conferência de Segurança de Munique de 2016, que o mundo estaria a assistir a uma nova Guerra Fria (Medvedev, 2016). Como irei analisar neste estudo, a interferência na política americana é indicativa desta fase tensa à qual Medvedev alertou. No entanto, afirmar que as ditas interferências justificariam uma nova Guerra Fria como fez Medvedev, pode ser demasiado, visto que a Rússia não possui as características necessárias para voltar a ser um rival em pé de igualdade com os EUA, no sistema internacional, sendo mais provável a rivalidade com a China.

Tendo isto em mente, é importante examinar o papel da Rússia na conjuntura económica internacional. A Rússia é um caso peculiar, na medida em que é observável o surgimento de uma potência onde uma das grandes vantagens do seu *soft power* está na exportação de petróleo e gás e cujo gasto militar tem aumentado na última década, podendo causar instabilidade para o Ocidente. A narrativa de restaurar o equilíbrio, corrigir os problemas da década de 1990, de quando o Ocidente se aproveitou da fraqueza da Rússia, tem sido um elemento essencial da propaganda patrocinada pelo Estado russo desde o início da era de Putin (Rumer, 2017). Estas crenças sustentaram o retorno da Rússia no palco mundial e a consolidação política doméstica. Tanto em público como em privado, membros importantes do Kremlin proclamam que as guerras na Geórgia e na Ucrânia serviram o propósito de evitar a invasão ocidental em territórios vitais para a segurança russa; por outro lado, o destacamento militar na Síria serviu para repor a posição da Rússia no Médio Oriente, na qual tinha sido substituída, no passado, pelo Ocidente (Rumer, 2017). Esta questão, em conjunto com a política externa intervencionista da mesma projetam uma força que deve ser reconhecida. É possível que a Rússia consiga manter as suas exportações de energia massivas de forma a manter dominância pelo menos em algumas zonas europeias sendo que, como já referi, o alargamento contínuo da NATO na Europa tem sido motivo de tensões entre o Ocidente e a Rússia. Contudo, uma vez que a Rússia não tem capacidades nem económicas nem militares para competir com o Ocidente, os líderes russos utilizam uma gama de ferramentas variadas - guerra de informação em todas as suas formas, incluindo subversão, influências económicas, desinformação, intimidação, espionagem e campanhas de influência (Rumer, 2017).

Assim, esta breve secção serve o seu propósito de contextualizar a estratégia intervencionista de política externa por parte da Rússia, o que ajudará a entender melhor as medidas aplicadas às eleições americanas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As atividades russas contemporâneas podem ser analisadas de várias perspetivas diferentes, por exemplo inserindo as mesmas no tema de *gray zone conflicts* (ideia desenvolvida graças ao conceito de guerra política), atividades de influência maligna, guerra híbrida e/ou *soft power*. Já foi atribuída a diversas facetas de atividade russa (seja militar, política, económica, ou de informação) cada um dos termos referidos, não sendo conclusivos na categorização. A Rússia tem

vindo a apoiar este tipo de atividades como parte da sua política externa desde a existência da União Soviética, tendo aqui sido a origem do conceito de medidas ativas (Abrams, 2016), (Darczewska & Zochowski, 2017). Para iniciar a revisão de literatura, começarei por abordar algumas das diferentes áreas amplas onde, na literatura, poderemos inserir o conceito de medidas ativas. Abordarei então áreas de estudo como a guerra política e híbrida; *soft power*, mas relacionado especificamente com a ideia russa do mesmo; a teoria de Relações Internacionais do realismo inserida na política do Kremlin; entre outros tópicos de interesse para esta dissertação, como a diplomacia coerciva e interferência externa.

É cada vez mais evidente que a guerra está a mudar e os métodos utilizados para a mesma também. No que toca à Rússia, isso é verificável nos seus mais recentes conflitos, como por exemplo na Crimeia. O *modus operandi* dos mesmos foi assimétrico, e toda a conjuntura que os rodeia tem sido alvo de análise, por muitos estudiosos (Banasik, 2016). Tendo isto em conta, é importante notar que não só académicos (Tsyngakov, 2008), mas também políticos e os meios de comunicação ocidentais consideraram a política externa russa, desde que Putin subiu ao poder presidencial, como algo assertiva. Este facto é visível, por exemplo na intervenção feita por Jens Stoltenberg, o secretário geral da NATO (Jalabi, 2018).

Esta percepção de uma Rússia frontal está presente nos Estados da antiga União Soviética, onde a Rússia é, claramente, vista como tendo objetivos de intervir e influenciar os mesmos, tendo este fenómeno sido já bastante estudado (Biersack & O'Lear, 2015). A política externa do Presidente Putin é considerada frequentemente como um *zero-sum game* altamente realista (Lipman, 2013). Para adicionar a estes fatores, ao examinarmos a própria cultura doméstica de políticos e pensadores como Aleksandr Dugin, tendo alguma influência sobre o governo russo, que sugere que a política externa russa em geral também é conduzida por ideias do neo- Eurasianismo (Biersack & O'Lear, 2015).

Tendo em conta este diálogo académico, autores como Panait (2015) mostram que, no que diz respeito à ideia de guerra política e híbrida e relacionando-a com a Rússia enquanto ator dentro da mesma, o seu objetivo em conflitos específicos está virado para a deslegitimação da credibilidade de certas entidades (quer sejam Estados, organizações, instituições internacionais), seguido pelo caos, para mais tarde realizar campanhas convencionais ou não convencionais de forma a mais facilmente alcançar o objetivo da política externa da Rússia (Panait, 2015).

Isto é visível no caso da Crimeia. Por exemplo, a Rússia, opondo-se à ordem internacional liderada pelos EUA e também pela rede de alianças na Europa, alcançou alguns objetivos geopolíticos usando as técnicas de guerra híbrida durante a crise da Ucrânia. Realizou a anexação da Crimeia, que tinha importância estratégica graças a recursos energéticos, elementos civis (*little green men*) e a determinação política do Parlamento da Crimeia (Alaca, 2016). Durante a implementação desta guerra híbrida, o uso de “civis” (ou soldados de operações especiais disfarçados como civis) na frente das operações militares ofensivas foi aproveitado para ajudar a ganhar território (Alaca, 2016). Ao concederem assistência humanitária aos rebeldes e tendo em mente o facto de que as autoridades não foram capazes de reagir ao impacto sobre a legitimidade do governo, foi estabelecida credibilidade aos rebeldes apoiados pela Rússia, o que auxiliou em toda a situação da anexação.

É importante notar que a guerra política é semelhante, mas não igual, à guerra híbrida. Embora inclua todos os meios, exceto a guerra, a definição de Kennan (1948) que utilizo aqui, não identifica um elemento-chave, que é a intenção de influenciar uma entidade externa. Num mundo moderno, onde a globalização tornou a ideia de guerra tradicional (que envolva as maiores potências) algo bastante improvável, todos os meios, exceto a guerra, abrangem quase toda a atividade política externa (Chivvis, 2017). Existe muita sobreposição na literatura académica dos instrumentos e métodos necessários tanto para guerra política como guerra híbrida. As diferenças, no entanto, são relevantes. A guerra híbrida, por exemplo, pode visar objetivos militares e políticos. No caso da guerra política, esta foca-se diretamente nos sistemas políticos e nas políticas mais amplas em que eles existem (Chivvis, 2017). A guerra híbrida pode ocasionalmente incluir o uso da força militar e, no limite, como refere Chivvis, até operações militares convencionais.

A guerra política russa não é um instrumento de guerra em si, mas um instrumento de política e, portanto, parte de um processo contínuo - uma abordagem indireta de modo a facilitar o alcance de metas nacionais, ficando sempre aquém da guerra convencional. Devido ao facto de que esta abordagem indireta é caracteristicamente assimétrica como será abordado mais à frente (uso de tecnologias, influências de opinião pública, etc.), não pode ser completamente interrompida, apenas defendida e prevenida, como parte de um processo destinado a impor custos crescentes (quer económicos quer políticos) à Rússia. Este último ponto vai de encontro com os interesses ocidentais de limitar o reforço de poder internacional da Rússia.

A guerra híbrida contemporânea combina, então, não só componentes convencionais, mas também outros que são irregulares e que tradicionalmente incluem o terrorismo, a atividade criminosa, a insurgência, guerrilhas e, neste novo milénio, veio a incluir tecnologias disruptivas como a guerra cibernética e campanhas de desinformação, tópicos que serão abordados aquando da definição formal do conceito de medidas ativas. Como nos diz Banasik (2016), o epicentro destas novas formas de guerra, ao contrário do que estamos habituados a observar nos métodos de guerra convencional, estará focado na sociedade que for o alvo de guerra híbrida. Banasik mostra-nos também que o autor Messner afirma que a percepção russa da guerra moderna é baseada na ideia de vencer batalhas dentro da psique ou da mente das populações. Devido a esta noção, a guerra híbrida da qual a Rússia tira proveito, utiliza extensivamente o impacto da informação (ou desinformação) para influenciar uma certa comunidade, seja esta civil ou militar (Banasik, 2016).

Os especialistas acima mencionados ajudam a confirmar a ideia de que tanto o significado como o impacto psicológico da informação são determinantes para enfraquecer a moral de outras nações assim como a vontade de lutar contra outros atores, sendo assim possível ter uma vantagem sobre o adversário nesta área, o que é fundamental para alcançar determinados objetivos (Banasik, 2016). Outro ponto de nota é a importância da propaganda no palco internacional - em redes sociais, por exemplo realizada especialmente por "*russian trolls*", que podem ser definidos como indivíduos que falsificam as suas identidades, realizando acções que promovem a discórdia, nestes casos a favor da Rússia (Broniatowski, et al., 2018). Estes *trolls* encontram-se presentes nas chamadas *troll-farms*, edifícios onde pessoas eram remuneradas por invadir espaços informáticos e espalhar desinformação pró-Rússia. Assim, existe uma noção que em guerras contemporâneas, a luta vai ter lugar na esfera da informação, mais do que no espaço físico, com armas e bombas (Banasik, 2016).

A ideia de que a guerra híbrida é utilizada pelo Kremlin pode estar relacionada com algumas ideologias correntes que suportam os comportamentos do mesmo. Existe a noção na literatura académica de que a teoria do Realismo das Relações Internacionais (entre outras), explica vários padrões comportamentais de Putin. Para os realistas russos, as principais questões merecedoras de serem estudadas são as características da nova ordem mundial emergente e o desenvolvimento de uma estratégia geopolítica adequada, para que a Rússia consiga alcançar os seus objetivos ao especializar o seu comportamento internacional (Shakleyina & Bogaturov, 2004). Os realistas enfatizam que os centros de poder e os pólos de influência são os indicados para descrever o

sistema internacional, rejeitando as instituições democráticas para segundo plano (Shakleyina & Bogaturov, 2004).

De modo a expandir a interligação entre o comportamento russo na sua política externa e a própria teoria do realismo, os autores Shakleyina e Bogaturov (2004) demonstram no seu estudo que existem diferentes correntes de pensamento realista dentro da Rússia pós-soviética, que são: Abordagens históricas sistêmicas; a corrente da escola estruturalista; a geopolítica e geoeconomia; a filosofia política e a sociologia; a psicologia política e a economia política. A abordagem mais antiga e relevante é, de acordo com os autores, a abordagem histórica, pois é a mais antiga e a maior na academia de Relações Internacionais da Rússia, cuja ascensão pode ser traçada até ao período soviético. Toda a teoria soviética das relações internacionais, foi um produto das atividades deste grupo de pensamento realista (Shakleyina & Bogaturov, 2004).

Ora, os geopolíticos realistas relacionam diretamente as tendências mundiais às intenções do Ocidente de destruir a estabilidade e a integridade territorial da Rússia. Para fundamentar esta posição, os geopolíticos realistas mais tradicionais costumam citar que tais intenções podem de fato ser facilmente encontradas: vêem a globalização, com o seu potencial para prejudicar o Estado-Nação da Rússia, meramente como um instrumento que o Ocidente está a utilizar de forma a minimizar o impacto internacional de potências como a Rússia, a China ou até a Índia enquanto atores geopolíticos (Shakleyina & Bogaturov, 2004).

Em meados de 1993, ocorreu claramente uma mudança na política externa russa. Houve um afastamento do liberalismo internacional para este realismo que está a ser discutido, nomeadamente no que toca às capacidades e interesses da Rússia no sistema internacional (Lynch, 2001). Liberalismo internacional, segundo os autores Shiraev e Zubok (2014) consiste na rejeição dos princípios de segurança do realismo, no acolhimento de diplomacia que leve a benefícios mútuos e à cooperação internacional; e na inclusividade de organizações internacionais e atores não-governamentais para moldar as preferências dos Estados. A mudança de liberalismo para realismo internacional ocorreu no início da administração de Andrei Kozyrev, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia entre 1990 e 1996 e, embora não fosse a preferência do mesmo, ajudou a política russa a adaptar-se à frustração em relação à integração no mundo liberal, sem comprometer as ligações da Rússia com esse mesmo mundo. Segundo Lynch (2001), foi descoberto ao longo dos anos que uma Rússia que não fosse integrada numa comunidade internacional cada vez mais poderosa, tornar-se-ia numa Rússia forçada a depender dos seus

próprios meios e recursos. Então, mantendo em mente a corrente realista das Relações Internacionais, como explica a literatura as estratégias geopolíticas da Rússia? A posição da maioria dos realistas russos é caracteristicamente pragmática (Shakleyina & Bogaturov, 2004) visto que se iniciou um “processo de consolidação do Estado russo, um processo que exigia o desenvolvimento da ideologia nacional e o surgimento de políticas mais orientadas nacionalmente” (Shakleyina & Bogaturov, 2004). Os autores Shakleyina e Bogaturov (2004) explicam bem na sua análise que os principais partidos e movimentos políticos apoiaram, nesta fase, a nova agenda de reavivar a Rússia como uma grande potência, enquanto que a ideia de "patriotismo iluminado" ocupava um lugar central na nova ideologia das grandes potências, o que levou a uma fase de tensão e críticas direcionadas a Kozyrev. No cerne desta questão reside a o problema da identidade da Rússia - a crise de identidade é a principal crise que a Rússia tem sentido desde a queda da União Soviética (Lynch, 2001).

Ao deslocarmos-nos mais para o lado extremo de ideologia política, encontramos um autor com alguma influência na política russa, Aleksandr Dugin, ex-consultor da presidência do parlamento russo e conselheiro de Vladimir Putin, cuja posição tem ênfase sobre o território histórico da Rússia, a sua missão civilizacional, integridade política e sustentabilidade económica (Shakleyina & Bogaturov, 2004). Para alcançar os objetivos soberanos da Rússia, Dugin (2015) defende um programa de destabilização e desinformação liderado pelos serviços especiais russos. As operações devem ser assistidas pelo uso de *hard power* e também *soft power*, utilizando o gás natural da Rússia, petróleo e outros recursos (como a oligarquia ao dispor do Presidente russo) para pressionar outros países (Dugin, 2015). Segundo Dugin, a ideia de que a Rússia seria apenas um "Estado regional", estatuto imposto pelo Ocidente, equivale a um suicídio geopolítico para a Rússia e a sua identidade maioritariamente “imperial” (Dugin, 2015). Para Dugin e outros que seguem esta abordagem ideológica mais radical, a perda do império soviético foi uma catástrofe para a soberania da Rússia. Significaria, assim, o fim da participação efectiva da Rússia no palco internacional, o colapso do seu sistema cultural de valores.

Actualmente, observamos que a segurança geopolítica estratégica dentro da abordagem realista é moldada não apenas pela concorrência militar mas também pela económica, política e tecnológica principalmente entre os EUA e a Rússia (Lipman, 2013). As hostilidades e o intervencionismo contínuo tanto do lado dos EUA como da Federação Russa reemergiram com a crise da Ucrânia e outros eventos tais como as eleições presidenciais americanas de 2016,

mostrando de novo o *zero-sum game* em que um dos Estados projeta o seu futuro tendo em vista o colapso do outro (Alaca, 2016). Também devido ao facto de que existem embargos económicos, algumas políticas de isolamento contra a Rússia, a presença militar da NATO nas fronteiras da Rússia e o apoio militar e financeiro dos EUA, aos países que se discordem da China (Alaca, 2016). Posto isto, muitos estudiosos, como foi dito aqui, concordaram que o futuro ambiente de segurança será multipolar, com diversidade inerente e complexidade na balança de poder. Entenda-se então, que um sistema internacional multipolar é visto pelos EUA como uma ameaça que pode dar início a maiores tensões, enquanto a Rússia e a China, com uma abordagem mais revisionista (Alaca, 2016), o vêem como uma oportunidade para formar um sistema internacional mais equilibrado.

Uma noção importante para esta dissertação é o *soft power*. Podemos afirmar que é uma área com bastante investigação dedicada à mesma. De acordo com Nye, *soft power* consiste numa capacidade persuasiva de um Estado obter algo através de um efeito de atracção, em vez de coerção ou pagamentos (Nye, 2004). Difere-se de *hard power* na medida em que evita ao máximo a utilização de força bruta como meios militares, mas a finalidade mantém-se idêntica: induzir os outros a tomar decisões no interesse do Estado em questão, para remodelar as “preferências dos outros” (Nye, 2004). Se um Estado tiver em conta o *soft power* e o utilizar de forma eficiente, reduz bastante a necessidade de utilizar meios militares ou políticos mais frontais. De acordo com Nye, o *soft power* apoia-se em três facetas principais: a cultura, os seus valores políticos e as decisões de políticas externas. Nesta dissertação, o mais relevante é o *soft power* canalizado através de política externa, pois é através dessas mesmas decisões que a Rússia influencia os outros Estados, quer vizinhos, quer distantes, como os EUA, nomeadamente através de interferências subversivas.

A forma como os países utilizam o seu *soft power* varia, mas podemos afirmar, de acordo com Nye, que a diplomacia pública é um dos principais métodos. A diplomacia pública é um meio pelo qual um Estado transmite a sua mensagem aos cidadãos de outros países, para que seja possível influenciar, de forma transparente, o público estrangeiro. Este método tem a finalidade de promover o interesse nacional e alcançar objetivos de política externa. Hoje, para além de Estados, a diplomacia pública é conduzida também por indivíduos, grupos e instituições que participam em trocas culturais e comunicação internacional, o que enriquece as relações internacionais multilaterais. Tanto cidadãos como organizações não-governamentais (ONGs) e empresas multinacionais estão cada vez mais envolvidas nesta área. A história do *soft power* da Rússia

começou há muitos séculos com a sua cultura e língua mas, ao contrário dos EUA, que vêm valores de liberdade e democracia como universalmente aplicáveis, os valores da Rússia tradicionalmente têm sido direcionados para dentro (excepto na União Soviética com a existência da propaganda comunista), de forma nacionalista, virada para o próprio povo russo. Esta ideologia nacional tem implicações tanto filosóficas como políticas. Tal como o autor Volkov explica, para o Kremlin a ideia russa de um ideal (composto por nacionalidade, autocracia e ortodoxia) proporcionou integração social e justificou a maior parte dos grandes projetos de mobilização ao longo da história russa (Volkov, 2005).

No seguimento da ideia de diplomacia pública como método de exposição de influências transparente para o público estrangeiro, outra área de estudo que, a meu ver, é relevante para abordar a utilização de medidas ativas e a interferência russa enquanto forma de política externa é a da diplomacia coerciva. O objetivo desta secção da revisão de literatura é entender o processo da diplomacia coerciva da Rússia mais recente, através do prisma daquilo que é denominado de novas formas de poder (manobras cibernéticas, económicas, energéticas e políticas), podendo então relacionar este tópico com a utilização de medidas ativas.

Para o efeito deste estudo, a diplomacia coerciva pode ser entendida como uma estratégia de política internacional, que pode ser tanto ofensiva como defensiva. Se for implantada de forma defensiva, serve para lidar com um adversário e mudar uma situação para o próprio favor. O uso ofensivo da diplomacia coerciva foi denominado, por sua vez, de chantagem (Bowen, 2017). Visto que a Rússia não pode competir no plano físico tradicional do poder bélico (mesmo no caso da Crimeia, deu uso a táticas secretas em vez da tradicional força militar) as suas táticas de influência internacional mudaram no plano da agressão. É aqui que a diplomacia coerciva entra em jogo, interligada com a incorporação da guerra híbrida e, conseqüentemente, de medidas ativas (Maness & Valeriano, 2015).

É importante enfatizar que o contexto e a situação são relevantes quando é necessário tomar decisões de política externa. Como os autores Maness e Valeriano (2015) nos mostram, as grandes tradições teóricas têm pouca capacidade de prever certas interações internacionais porque têm em conta algumas variáveis que vão mudando de acordo com a unidade em questão. Certos factores situacionais como a rivalidade são relevantes para prever e examinar quando é que a Rússia usará a diplomacia coerciva (Maness & Valeriano, 2015). Este ponto é especialmente importante para o tema da minha dissertação porque se insere diretamente no mesmo contexto das medidas ativas.

Estas são utilizadas de forma ponderada e situacional, de maneira a causar o máximo de dano (de várias naturezas) de forma eficiente, e para as mesmas serem implementadas pelo Kremlin, é necessário que haja fundamento para isso acontecer, quer sejam tensões políticas, objetivos geopolíticos, entre outros.

Tendo em conta esta informação, como vimos até agora, a Rússia tem ao seu dispor novos meios de guerra para fomentar as suas capacidades cibernéticas. Para entender quando e como a Rússia utiliza o seu poder, devemos olhar para a situação internacional e a capacidade interna da Rússia de lidar com as situações. Portanto, a política externa russa, nesta era moderna onde vivemos, é baseada em noções mais tradicionais de força, de acordo com Maness e Valeriano (2015), que determinam ações e motivos no âmbito internacional. Mesmo com o factor de menor projecção e força militar, para a Rússia o objetivo de influenciar através de política externa coerciva mantém-se, de modo a que seja possível alcançar objetivos dentro do seu interesse.

Assim, a política externa da Rússia é mais complexa do que aparenta, não sendo apenas um mero jogo de maximização de poder. É tendo em conta esta nota que a diplomacia coerciva se torna importante no ponto de vista de influência regional, de acordo com certos contextos que motivam acções, quer seja na situação da Crimeia, do Brexit ou de interferências em eleições de outros países como na Finlândia, França e EUA.

Voltando à questão do realismo, o mesmo enquanto teoria de política externa não consegue ser normativo e ao mesmo tempo “preditivo”. Por outras palavras, como explicam Maness e Valeriano (2015): “Ou o mundo funciona como funciona, ou não”. Os comportamentos de política de poder podem ser empiricamente observados sob certas condições (Maness & Valeriano, 2015), A diplomacia coerciva nem sempre é capaz de alcançar objetivos de longo prazo na política externa, exatamente por não ser totalmente consistente. Em vez disso, quando um Estado decide utilizar a coerção de forma constante, através de intimidação, interferências ou dominância, os Estados alvos destas posturas, são obrigados então a encontrar formas de combater estes avanços. Como os autores discutem no seu livro, a Rússia é frequentemente um “rufia” no palco internacional, pelo menos a nível regional, e afirmam que poderá não conseguir alcançar os seus objetivos a longo prazo por causa desta estratégia de coerção constante (Maness & Valeriano, 2015).

No que diz respeito a medidas ativas, existe bastante literatura descrevendo as mesmas tendo em conta a sua natureza. Isto deve-se ao renascimento do estudo das medidas ativas, ligadas ao seu papel na criação de crises cujos efeitos podemos testemunhar em vários eventos como nos

EUA, Crimeia e Reino Unido (com o Brexit). Para tais avanços, os Estados membros da NATO e da União Europeia tinham então de desenvolver mecanismos para identificar ameaças, por vezes disfarçadas, vindas da Rússia (Darczewska & Zochowski, 2017).

Atualmente, tal como o autor Chivvis (2017) nos expõe, a Rússia emprega vários instrumentos na sua guerra política, incluindo entidades como o canal RT (um canal de televisão estatal russo, que faz emissões em inglês e transmite para o resto do mundo), para operações de informação; ferramentas cibernéticas para espionagem ou ataques diretos a redes de computadores americanas; *proxies* que abrangem desde grupos de protesto a gangues financiados pelo Kremlin (por exemplo, o grupo de motards Night Wolves); influência económica de vários tipos (por exemplo, através dos oligarcas russos); acções dissimuladas envolvendo as forças especiais russas, inteligência militar ou outros agentes; e, por fim, pressão política aberta e intimidação militar (Chivvis, 2017). Ao utilizar vários tipos de organizações tais como redes sociais, fundações, instituições de várias naturezas e grupos sociais, incluindo partidos políticos (como a Reunião Nacional de Marine Le Pen, partido que recebeu milhões de euros em empréstimos por parte de bancos russos ligados a oligarcas) a Rússia está a conduzir um processo de desestabilização a longo prazo. Por um lado, poderá ser uma forma ofensiva da política externa russa. Por outro, poderá ser a maneira de a Rússia defender a sua soberania internacional contra avanços, por exemplo, da NATO, tendo em conta as adesões de países cada vez mais perto das fronteiras russas. Desta forma, os conflitos entre os Estados-membros da União Europeia ajudam a justificar a credibilidade da Rússia para construir a sua própria esfera de influência na Europa (Abrams, 2016). A padronização de medidas ativas promoveu um esforço para consolidar as diferentes ações num só processo unitário que era coordenado por natureza, estando também relacionado com planos para o desenvolvimento ideológico da União Soviética. Os serviços especiais eram a componente chave para estas tarefas, dissecando as várias circunstâncias nas nações-alvo, planeando as atividades e implementando então esses planos (Darczewska & Zochowski, 2017).

Os serviços secretos russos utilizam os seus canais de influência e ligações para construir uma rede internacional capaz de influenciar e financiar ações de apoio à política do Kremlin, de forma direta ou indireta, através da utilização de posições de inteligência nos media politicamente influentes, organizações internacionais, da criação de documentos falsos e histórias falsas – por exemplo, a famosa teoria da conspiração de que os EUA não aterraram na Lua foi uma iniciativa dos serviços secretos da União Soviética (Bryan, Clements, & DuBois, 2018). Ao incitarem

oposições internas no Ocidente a nível de crises políticas e sociais, os serviços secretos trabalham a favor dos interesses de política externa russa (Abrams, 2016).

Concluindo esta secção, existe uma grande área de influência a partir da qual a Rússia age tendo como alvo não só o Ocidente mas também os vizinhos mais próximos. A utilização de diferentes métodos para alcançar as ambições do Kremlin, alguns destes mais secretos que outros, todos eles fazendo parte do corpo de política externa de Putin, mostram que este tema está para ficar, visto que existe cada vez mais interesse na investigação do mesmo, dentro de diferentes áreas de Relações Internacionais, como a segurança, diplomacia e estratégia militar.

3. MEDIDAS ATIVAS

3.1. Estrutura governamental

Todo o aparelho a partir do qual a Rússia opera as suas medidas ativas é diferente daquele utilizado pela União Soviética. Na era soviética, três entidades constituíam o aparato de medidas ativas, enquanto que na Rússia existe uma estrutura mais descentralizada, na qual as várias agências têm diversas funções, incorporando muitas chefias diferentes a conduzir as operações o que permite a negação plausível quando surgem acusações. Apesar disso, a administração do Presidente atua como coordenador do aparelho de medidas ativas da Rússia. Ao contrário da União Soviética, as medidas ativas da Rússia são desenvolvidas por meio de uma abordagem de baixo para cima (Galeotti, 2017). A administração Presidencial é o ramo executivo de Putin que gerencia todos os aspectos do governo. De acordo com o website oficial do Kremlin, o Gabinete Presidencial "é um órgão estatal que apoia o trabalho do Presidente e monitoriza a implementação das decisões do Presidente". (President of Russia, 2020). É composto por representantes nomeados pelo presidente, o que permite a Putin ter controlo político sobre o governo (Galeotti, 2017). Putin fornece uma orientação política geral, e cabe à administração em si espalhar as intenções de Putin às várias agências (Galeotti, 2017).

Um pormenor importante a ter em conta é que cada agência específica possui um conjunto de diretrizes diferentes a seguir, fornecendo assim a negação plausível que Putin tanto se aproveita (por exemplo, na situação da Crimeia, ou da Geórgia). Isto pois o Presidente pode declarar que não tinha conhecimento de uma operação particular, visto que existe alguma complexidade entre

as agências do governo. Posto isto, a abordagem de baixo para cima cria um ambiente que promove a inovação e a criatividade para atingir os objetivos. Apesar de tudo, a administração Presidencial também coordena com Putin para obter aprovação para operações de medidas ativas que tenham o potencial de criar consequências políticas fortes para a Rússia (Galeotti, 2017).

Com isto em mente, autores como Galeotti (2016) ou Darczewska e Zochowski (2017) expõem que existem três agências principais, nas quais o governo russo impinge a tarefa de realizar as operações, cada uma com um chefe de departamento que faz parte da administração presidencial: o Departamento Central de Inteligência (*Glavnoye razvedyvatel'noye upravleniye* ou GRU); o Serviço Federal de Segurança (*Federalnaya sluzhba bezopasnosti* ou FSB); e o Serviço de Inteligência Estrangeira (*Sluzhba vneshnei razvedki* ou SVR).

Segundo Watts (2018), a utilização de medidas ativas por parte do GRU foca-se em três partes: primeiro, nas atividades de natureza cibernética, de forma a obter informações relevantes para o Kremlin; segundo, também é responsável pelos aspetos militares das medidas ativas, que incluem assassinatos e apoio paramilitar. Terceiro, o GRU opera nas redes sociais, de modo a semear discórdias e gerar um ambiente de divisão. Existem também ordens do GRU para que grupos afiliados ao Kremlin, como os Night Wolves, se envolvam com grupos de direita radical, para recrutar mais agentes de influência (Galeotti, 2016).

No que diz respeito às medidas ativas realizadas pelo FSB, estas concentram-se principalmente em operações de influência política (Galeotti, 2016). Desde assassinatos, infiltração nas comunidades de imigrantes russos e também a realização de operações cibernéticas, o FSB tem um papel importante na sua coordenação. De acordo com Watts, o FSB fomenta a negação plausível para o governo russo, através da coerção, comprometendo ou coagindo russos a fazer o que lhes é pedido. Estes pedidos advêm de várias fontes, como empresas internacionais, oligarcas altamente conectados ao Kremlin, ou criminosos cibernéticos (Watts, 2018).

Por fim, é reconhecido que o SVR também se envolve em esforços de medidas ativas (Galeotti, 2016), mas na maioria das vezes, o foco do mesmo é nas formas tradicionais de atividades de inteligência. Apesar disso, o SVR possui um alcance e recursos que permite identificar agentes de influência e angariar “ilegais” - agentes secretos de inteligência que assumem uma identidade falsa e operam ilegalmente fora do país, enquanto espões.

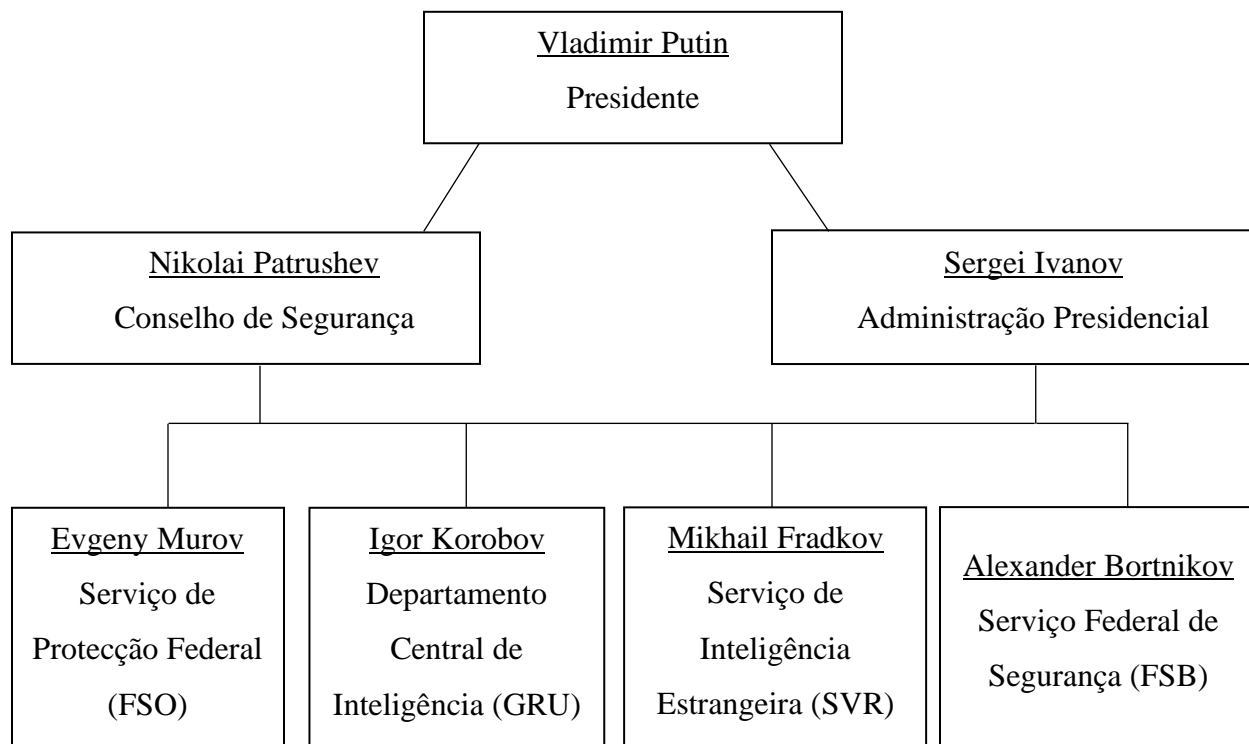


Figura 3.1. Estrutura de inteligência da Rússia

Adaptado de: Galeotti, M. (2016). Putin's hydra: Inside Russia's Intelligence Service. European Council on Foreign Relations.

3.2. Técnicas

Em 1985, o autor Dennis Kux elabora melhor o conceito de medidas ativas no *US Army War College Journal*, fornecendo uma boa estrutura para as entender na época soviética. Este quadro de análise já foi utilizado por outros autores como Darczewska, Zochowski (2017) e Abrams (2016), e rende-se com facilidade a uma análise contemporânea.

Kux contemplou o espectro da política externa da União Soviética através duma óptica que consistia em vários “graus” de natureza. Conotou estas operações de “brancas”, “cinzas” e “pretas” (Kux, 1985), (Darczewska & Zochowski, 2017). A diplomacia tradicional, acordos comerciais, canais de informação normais e outras actividades culturais mais transparentes eram consideradas actividades "brancas", podendo até ser consideradas uma forma de *soft power*. As actividades "cinzentas" são aquelas que envolviam frentes comunistas, partidos comunistas estrangeiros, estações de rádio "clandestinas" ou meios de dedicados à desinformação. Por outro lado, as

atividades "negras" envolvem operações puramente clandestinas: o uso de agentes de influência, a divulgação de boatos falsos de forma a causar discórdia e divisão, a manipulação de políticos e jornalistas e a disseminação de falsificações e documentos falsos. As medidas ativas enquadram-se, assim, mais nas categorias "cinza" ou "preta", com alguma participação na categoria "branca" (Abrams, 2016), (Darczewska & Zochowski, 2017). Posto isto, é possível extrapolar este quadro de análise de Dennis Kux, como vários autores já o fizeram, para a atualidade, verificando então uma continuidade nas operações realizadas pela Rússia, meramente renovadas para o séc. XXI.

Natureza	Técnicas
Branca	<p>Atividades de informação realizadas através de agências estatais de notícias e multimédia (RT, Radio Sputnik);</p> <p>Projetos implementados através de institutos russos de cultura nas embaixadas da Federação Russa;</p> <p>Organização de eventos científicos e culturais (conferências, exposições, bolsas de estudos e cursos de língua).</p>
Cinza	<p>Auxílio a partidos e organizações políticas extremistas;</p> <p>Instrumentalização de fundações e associações russas para expandir influência;</p> <p>Estabelecer portais a favor do Kremlin, e apoiá-los financeiramente;</p> <p>Fábricas de <i>trolls</i>, organizando redes pró-Kremlin que se espalham nas redes sociais.</p>
Negra	<p>Aquisição de agentes de influência, e promoção dos objetivos da Rússia por pessoas que desconhecem que o estão a fazer;</p> <p>Falsificações de histórias e documentos;</p>

	Provocações sociais, como a destruição de monumentos e organização de manifestações; Subversão e uso secreto de violência armada; Corrupção, chantagem e difamação de políticos; Ciberataques e propaganda;
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 3.1. Natureza das técnicas de medidas ativas da Rússia

Adaptado de: Darczewska, J. & Zochowski, P. (2017). Russia's 'Activity' toward the West—Confrontation by Choice. Russian Analytical Digest 2017. OSW Center for Eastern Studies. Pp. 1-6.

4. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

No outono de 2016, duas agências federais americanas (FBI e CIA) anunciaram que o governo russo dirigiu ataques aos e-mails de indivíduos e instituições dos EUA, incluindo organizações políticas, e que esses ataques e consequentes divulgações de informação tinham a intenção de influenciar o processo eleitoral dos EUA. Após a eleição, no final de dezembro de 2016, os EUA impuseram sanções à Rússia por ter interferido na política americana. Já em 2017, coube ao Congresso examinar melhor a interferência da Rússia.

Após a exposição pelas agências americanas das suspeitas em relação à Rússia, o governo dos EUA agiu contra a mesma. Fê-lo ao expulsar 35 agentes de inteligência do país e fechar duas propriedades russas localizadas nos EUA, que o Kremlin usou para facilitar as suas atividades de espionagem (Blackwill & Gordon, 2018).

Para além destas medidas, os EUA responderam à ameaça russa através de sanções. Foram impostas sanções a 72 indivíduos ou organizações vinculadas ao aparelho de defesa e inteligência da Rússia. Estas sanções fazem parte da Lei de Combate aos Adversários da América por Sanções, de 2017 (denominada CAATSA), que foi aprovada para punir aqueles que fazem parte das medidas ativas da Rússia, principalmente no que se refere à segurança cibernética (Blackwill & Gordon, 2018).

Esta sequência de eventos levou a que, em Maio de 2017, o Departamento de Justiça dos EUA nomeasse Robert Mueller III como procurador especial para investigar, conforme foi definido no

seu mandato, "quaisquer vínculos e/ou coordenação entre o governo russo e indivíduos associados à campanha do presidente Donald Trump", juntamente com "quaisquer assuntos que surgiram ou possam surgir da investigação", incluindo a questão da interferência russa em assuntos americanos (Office of Deputy Attorney General, 2017). Com o título oficial de "*Report on the Investigation into Russian Interference in the 2016 Presidential Election*", este relatório foi escrito pelo próprio Mueller e a sua equipa. O relatório tem 448 páginas, dois volumes e quatro apêndices. No relatório disponível ao público ainda se encontra bastante texto excluído, devido a investigações em andamento, que são confidenciais. O primeiro volume é o mais relevante para a minha dissertação, visto que descreve os resultados da investigação de Mueller sobre a interferência da Rússia nas eleições presidenciais de 2016.

A secção I descreve o quão abrangente é a investigação. As secções II e III descrevem as principais maneiras pelas quais a Rússia interferiu nas eleições presidenciais de 2016. A secção IV descreve os vínculos entre o governo russo e os indivíduos associados à campanha de Trump. O segundo volume é focado em detalhes de possíveis casos de obstrução de justiça pelo Presidente Trump e outros tópicos relacionados com o mesmo. Nos dois anos que se seguiram à nomeação de Mueller, o mesmo, juntamente com a sua equipa de investigadores, entrevistou cerca de 500 testemunhas, emitiu cerca de 2.800 intimações e cerca de 500 mandados de busca e apreensão, indiciou 34 indivíduos e três empresas russas e obteve condenações para o presidente da campanha de Trump e ex-conselheiro de segurança nacional, entre outros (Mueller, 2019).

A investigação feita por Mueller e a sua equipa conseguiu estabelecer, através de vários interrogatórios e recolha de dados variados, que existe evidência da interferência da Rússia nas eleições de 2016. Esta interferência também é corroborada por outras fontes, através de avaliações como a "*Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections*", também denominada de ICA (Avaliação da Comunidade de Inteligência), a qual foi emitida pelo Escritório do Diretor de Inteligência Nacional dos Estados Unidos. Segundo a investigação de Mueller, as operações de interferência foram realizadas através de duas vertentes principais. A primeira desenvolveu-se a partir de uma entidade russa que tomou a responsabilidade de influenciar as redes sociais de modo a favorecer Donald Trump e a inferiorizar Hillary Clinton. Em segundo lugar, um dos serviços de inteligência russos conduziu operações de intrusão cibernética contra vários indivíduos que trabalhavam na campanha de Hillary Clinton, de modo a mais tarde divulgar documentos confidenciais da mesma (Mueller, 2019).

Estas afirmações, quando examinadas em conjunto com outras fontes primárias, são reforçadas. No caso do relatório da ICA inclui uma avaliação coordenada entre a Agência Central de Inteligência (CIA), o Escritório Federal de Investigação (FBI) e a Agência de Segurança Nacional (NSA). Esta avaliação foi feita com base em informações de inteligência reunidas pelas três agências (Director of National Intelligence, 2017) e foram observadas as intenções da Rússia em relação às eleições nos EUA e o uso de ferramentas tecnológicas e operações em redes sociais para influenciar a opinião pública dos EUA. Este relatório de inteligência diz-nos que a campanha de influência por parte do Kremlin seguiu uma estratégia que combina operações secretas - como atividades cibernéticas - com esforços abertos por parte de agências de inteligência russas (Director of National Intelligence, 2017), comunicação financiada pelo governo russo como o canal RT, e também o uso de *trolls*, algo do mesmo modo referenciado por Mueller.

Em Março de 2017, Eugene B. Rumer, diretor do programa “Russia and Eurasia” do Carnegie Endowment for International Peace, testemunhou ao Comité de Inteligência do Senado acerca das campanhas de influência e medidas ativas da Rússia. Neste testemunho, Rumer afirma estar convencido de que “os serviços de inteligência russos, os seus procuradores e outros atores relacionados interviram diretamente nas nossas eleições de 2016” (Rumer, 2017). Para além disto, Rumer descreve que tipos de operações foram implementadas: “(...) em transmissões de propaganda patrocinadas pelo Estado na RT (Russia Today), em incontáveis *trolls* da Internet, notícias falsas ou distorcidas espalhadas por serviços de notícias falsas (...)” (Rumer, 2017). Também o Comité de Inteligência da Câmara (2018) afirma existirem evidências de que a RT não é apenas uma empresa estatal, mas também completamente sob controlo editorial do governo russo (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018). Este controlo permitiu que o Kremlin avançasse por mais um canal de comunicação as suas operações de influência, durante as eleições presidenciais de 2016, ao lançar notícias consistentes contra o Ocidente. O canal RT foi crítico de ambos candidatos presidenciais, de ambos os principais partidos, mas foi especialmente crítico de Clinton, durante as eleições (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018).

Numa primeira instância, a *Internet Research Agency* (IRA) foi a organização que realizou as operações de interferência russa identificadas pela investigação de Mueller - uma campanha que envolvia presenças nas redes sociais, projetada para provocar e enfatizar discórdias políticas e/ou sociais nos EUA (Mueller, 2019). Esta entidade criava e disseminava desinformação na Internet de forma a tornar mais complexo discernir a verdade da mentira. Em relação à estrutura da IRA na

Internet, o relatório permanece confidencial nesta secção, devido a possíveis "danos a assuntos correntes" o que significa que ainda pode haver investigações em andamento e, portanto, não podem ser exposta ao público. Segundo Mueller, a IRA estava sediada em São Petersburgo e recebeu financiamento do oligarca russo Yevgeniy Prigozhin, através das suas empresas. Também o relatório da ICA reitera esta informação, ao descrever a IRA como uma *troll farm*. É afirmado pela ICA que "o provável financiador da chamada Agência de Pesquisa de Internet de *trolls* profissionais localizados em São Petersburgo é um aliado próximo de [Vladimir] Putin, vinculado à inteligência russa" e "(...) anteriormente eram dedicados a apoiar acções russas na Ucrânia (...) começaram a apoiar o presidente eleito Trump já em dezembro de 2015" (Director of National Intelligence, 2017).

Mais tarde, a IRA usou diversas contas nas redes sociais e grupos de interesse para causar divisão no plano social americano através de "guerra de informação". Estas operações constituíam aquilo que já defini como "medidas ativas", com o objetivo específico de interferir no curso dos assuntos internacionais (Mueller, 2019). Alguns membros do IRA, segundo Mueller, organizaram comícios políticos a favor do candidato Trump, dentro dos EUA, enquanto se apresentavam como ativistas domésticos. Primeiro, usavam contas falsas nas redes sociais para anunciar e promover o evento. De seguida, havia um esforço para se enviar um grande número de mensagens diretas aos seguidores dessas contas falsas, pedindo-lhes para participar no evento. Daqueles que respondiam com interesse, Mueller expõe que a IRA procuraria alguém para servir como coordenadora do evento. Por fim, o operador de conta falsa informava a pessoa americana que não poderia participar no evento devido a algum conflito preexistente ou porque estava noutra local do país (Mueller, 2019). Foi também observável uma evolução de um programa generalizado, que tinha o seu começo em 2014, de forma a causar problemas eleitorais aos EUA, para uma operação focada que, em 2016, favorecia Trump (Mueller, 2019), (Director of National Intelligence, 2017). Tendo em conta esta conjuntura, o New York Times relatou que, por exemplo, na plataforma do Facebook, as publicações russas atingiram 126 milhões usuários; no Twitter, 131 mil tweets foram lançados por mais de 2700 contas (Isaac & Wakabayashi, 2017). É também reportado que operadores russos utilizaram o YouTube e o Instagram como plataformas de influência - os curadores do YouTube identificaram "mais de 1.100 vídeos totalizando 43 horas de conteúdo". Este conteúdo foi associado às operações de influência da Rússia. Apesar disto, é afirmado pelos analistas do Youtube que o efeito de influência desses vídeos era menor, pois tinham um número relativamente

baixo de visualizações, totalizando apenas 309 mil (Isaac & Wakabayashi, 2017). O uso do Instagram pela Rússia também era mínimo - o Facebook, sendo dono do Instagram, identificou mais de 170 contas do Instagram que “publicaram cerca de 120 mil peças de conteúdo vinculado à Rússia” (Isaac & Wakabayashi, 2017). Assim, a Internet forneceu à Rússia acesso à população de um país rival que não seria possível nos tempos da União Soviética.

Paralelamente ao apoio a Trump por parte da IRA, Mueller refere que o governo russo levou a cabo uma segunda forma de interferência, já referida, através de ataques cibernéticos e lançamentos de materiais confidenciais que danificaram a campanha de Clinton. Por sua vez, estas operações foram realizadas pelo GRU, em Março de 2016, sendo caracterizadas pela invasão das contas de e-mail de voluntários e funcionários da campanha de Clinton, incluindo o presidente da campanha, John Podesta (Mueller, 2019). Em Abril do mesmo ano, o GRU invadiu as redes de computadores do Comité de Campanha do Congresso Democrático (DCCC) e do Comité Nacional Democrata (DNC). Segundo Mueller, foi nesta fase que milhares de documentos das contas e redes de email ficaram comprometidos. Também no relatório da ICA esta questão é referida “com grande confiança” que o GRU usou entidades anónimas como Guccifer 2.0 e o DCLeaks.com para divulgar dados obtidos nas operações de medidas ativas (Director of National Intelligence, 2017). Desde as suas primeiras apresentações, tanto o Guccifer 2.0 como o DC Leaks procuraram ocultar as suas identidades, segundo o relatório do Comité de Inteligência da Câmara (2018). Durante uma entrevista à imprensa em 2017, Guccifer 2.0 identificou-se como um "hacker, gerente, filósofo, amante de mulheres" e um "lutador da liberdade", expondo também a vontade de seguir Marcel Lazar (o Guccifer original) para "lutar pela liberdade de mentes - e por um mundo sem Illuminati" (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018). Por outro lado, o DC Leaks identificou-se como um grupo de activistas americanos envolvidos num "novo projeto de nível destinado a analisar e publicar uma grande quantidade de e-mails de altos funcionários e agentes de influência pelo mundo" (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018).

Dois grupos específicos do GRU levaram a cabo os ataques aos computadores da campanha de Clinton e organizações democratas: as Unidades Militares 26165 e 74455 (Mueller, 2019). A Unidade Militar 26165 é uma unidade cibernética do GRU dedicada a atingir organizações militares, políticas, governamentais e não governamentais fora de Rússia, inclusive nos EUA. Esta unidade foi subdividida em departamentos com diferentes especialidades. Um departamento, por exemplo, desenvolveu software malicioso especializado (malware), enquanto outro departamento

conduziu campanhas de *spearphishing* em larga escala (*spearphishing* consiste num ataque de falsificação de emails, direcionado a uma organização ou indivíduo específico, para que se consiga aceder a informações confidenciais). As operações de *spearphishing* raramente são iniciadas por hackers aleatórios, explica Mueller, mas por facções organizadas com objetivos específicos. Por outro lado, a Unidade Militar 74455 é uma unidade do GRU ligada a vários departamentos envolvidos em operações cibernéticas, que teve responsabilidades de divulgação de documentos roubados pela Unidade 26165, na promoção dos mesmos e na publicação de conteúdo anti-Clinton nas contas de redes sociais. No segundo volume do relatório desclassificado do Comité do Senado, é afirmado que a IRA não tinha apenas Hillary Clinton como alvo, mas também candidatos republicanos durante as primárias presidenciais (Select Committee on Intelligence United States Senate, 2020b), como por exemplo os senadores Ted Cruz e Marco Rubio, assim como Jeb Bush. Este facto é também corroborado pelo relatório da ICA, (Director of National Intelligence, 2017). Clint Watts, um ex-agente do FBI, testemunhou ao Comité: "os meios de comunicação russos e os *trolls* secretos da Rússia procuravam afastar os oponentes de ambos os lados do espectro político com visões adversas em relação ao Kremlin" (Watts, 2017).

Ao divulgar os e-mails e documentos roubados por meio das entidades falsas criadas pelo GRU e IRA, e em parceria com a WikiLeaks, os oficiais do GRU continuaram a atacar, por via tecnológica, indivíduos ligados à campanha democrata e, eventualmente, a entidades responsáveis pela administração eleitoral (Mueller, 2019). De acordo com Mueller, as vítimas incluíam entidades de vários Estados dos EUA, conselhos de eleições, secretários de estado e governos regionais de alguns condados, além de indivíduos que trabalharam para essas mesmas organizações. A GRU também teve como alvos algumas empresas privadas de tecnologia, responsáveis pela fabricação e administração de software e hardware relacionados a eleições americanas, como software de registo de eleitores e assembleias de voto eletrónicas. Apesar disto, não foram encontradas evidências de interferência na contagem de votos, nem manipulação dos resultados em si, segundo um relatório feito pelo Comité de Inteligência do Senado, acerca da influência russa nas estruturas eleitorais americanas (Select Committee on Intelligence United States Senate, 2020a). Este facto é constatado também no relatório da ICA, ao afirmar da mesma forma que, apesar da inteligência russa obter acesso a elementos de vários conselhos eleitorais, foi feita a avaliação por parte do Departamento de Segurança Interna (DHS) com a conclusão de que os

atores russos visados ou comprometidos não estavam envolvidos na contagem dos votos (Director of National Intelligence, 2017).

Assim, se não interferiram nos votos, de que forma interferiram na estrutura eleitoral? Sabemos, graças aos relatórios de inteligência, que obtiveram acesso a várias organizações e entidades eleitorais. Os hackers tinham os 50 estados como alvo. Fontes da comunidade de inteligência americana disseram à NBC que sete estados específicos captaram a intrusão no seu sistema eleitoral: Alasca, Arizona, Califórnia, Florida, Illinois, Texas e Wisconsin (McFadden, Arkin, Monahan, & Dilanian, 2018). O relatório de Mueller afirma que as operações russas de hackers “permitiram ao GRU obter acesso à rede de pelo menos um governo do condado da Florida”, e o senador da Florida Marco Rubio confirmou que os hackers estavam "em condições de alterar os dados de votação" (Robles, 2019). A imprensa americana reportou que existiam várias potenciais justificações para invadir o sistema eleitoral, nomeadamente a possibilidade de vender os dados (Levine & Thomas, 2016), colocar dúvidas sobre a legitimidade do processo eleitoral (Director of National Intelligence, 2017), sondar eventuais fraquezas de modo a serem exploradas futuramente e também fornecer dados para ajudar a propaganda russa mais facilmente influenciar as redes sociais. Também é possível que outro objetivo tenha sido impedir que alguma porção do eleitorado votasse, embora não esteja claro que isso tenha sido bem-sucedido ou mesmo se foi tentado (Perlroth, Wines, & Rosenberg, 2017).

Embora muitos dos factos ligados à interferência russa tenham sido já divulgados, como temos visto até agora, ainda existem vários elementos importantes da campanha russa que permanecem confidenciais, sob a alça tanto do Senado como da Câmara, em parceria com a Comunidade de Inteligência americana. Também a Câmara dos Representantes, especificamente o Comité de Inteligência da Câmara, lançou uma investigação sobre as medidas ativas russas, paralelamente ao Senado. O objetivo da análise das operações de informação russas pelo Comité era de estabelecer uma compreensão por parte do Governo acerca dos factos (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018). Para além de analisar a interferência a nível doméstica, este Comité dedicou-se a uma análise das actividades russas também em relação à Europa. A nível americano, o relatório examina as operações cibernéticas que visaram organizações políticas americanas (incluindo o método do ataque); a divulgação de material pirateado e o papel dos meios de comunicação estatais russos e das redes sociais nas campanhas de influência (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018). Todas estas operações já foram referidas anteriormente,

pelas outras fontes primárias que já mencionei. Por exemplo, o Comité considera que a avaliação da ICA, por parte do Escritório do Diretor de Inteligência Nacional, sobre a responsabilidade russa na interferência eleitoral de 2015 e 2016 se baseia em factos convincentes e numa análise bem fundamentada da situação. Foi também considerado que, embora fosse significativa a atribuição de responsabilidade à Rússia apenas, foram examinados outros cenários e hipóteses, para incluir uma ameaça interna ou mesmo outro ator cibernético. No entanto, não foram encontradas evidências que corroborassem estas alternativas, tendo em conta a revisão de informação por parte do Comité da Câmara (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018).

Ao longo da sua presidência, Trump tem vindo a desvalorizar as investigações feitas em relação à interferência russa de modo a não minimizar a sua vitória eleitoral. No entanto, no dia 21 de Abril de 2020, uma revisão realizada pelo próprio Senado dominado por republicanos, partido que apoia Trump, veio desmentir as alegações do Presidente. Posteriormente, no dia 18 de Agosto de 2020 foi divulgado o documento de forma mais completa, com cerca de mil páginas, que abrange três anos de investigação à interferência nas eleições de 2016. Esta análise de três anos descobriu que a avaliação da ICA, atribuindo a culpa à Rússia e que aponta os seus objetivos para minar a democracia americana, era sólida e limpa de parcialidades políticas (Select Committee on Intelligence - United States Senate, 2020c). Estabeleceu também uma extensa rede de contatos entre conselheiros de campanha de Trump e funcionários do governo russo, incluindo alguns com ligações com os serviços de inteligência do país.

5. CONCLUSÕES

O propósito desta dissertação era analisar a utilização de medidas ativas da Rússia, juntamente com o objetivo de descrever as medidas ativas enquanto objeto de estudo, num contexto contemporâneo, sendo então feito um estudo de caso sobre as eleições presidenciais americanas de 2016. Devido às origens do conceito, foi relevante para este estudo fazer uma análise histórica de como eram utilizadas e categorizadas as medidas ativas dentro da União Soviética, para averiguar semelhanças e diferenças na postura russa sobre o uso das mesmas. Através da contextualização histórica, foi possível entender melhor a visão que a Rússia tem do Ocidente e em especial dos EUA. Foi também estabelecida uma *framework* de análise para utilizar no estudo de caso para melhor categorizar as técnicas empregues pela Rússia. Para tal, destacaram-se as

estruturas governamentais e os tipos de operações em si. Autores como Galeotti, Darczewska, e Zochowski, e Kux foram uma mais-valia para esta secção da minha investigação. Classificaram-se as medidas ativas dependendo da sua natureza e gravidade, entre “brancas”, “cinzas” e “pretas”.

Consequentemente, como foi observado ao longo desta investigação, várias evidências encontradas apontam para uma utilização de técnicas de medidas ativas idênticas às que a União Soviética usou contra os EUA e o Ocidente durante a Guerra Fria, apesar de Vladimir Putin negar quaisquer interferências nos assuntos internos americanos (AP News, 2018). No entanto, a natureza das mesmas técnicas evoluiu, devido a melhorias tecnológicas e o advento da globalização. As medidas ativas da Rússia têm hoje uma probabilidade muito maior de sucesso, isto devido ao facto de que existe um acesso direto ao povo americano e do restante Ocidente, que na época soviética não estava disponível: a Internet, nomeadamente as redes sociais. Graças aos dados adquiridos para este estudo, é possível averiguar que, através das suas operações, a Rússia tem-se mostrado um adversário não no campo militar mas maioritariamente na vertente cibernética, na disseminação de propaganda e desinformação. Tanto o relatório de Mueller e da comunidade de inteligência americana corroboraram esta hipótese de investigação. Tendo isto em conta, é aparente que as acções levadas a cabo pela Rússia, de acordo com as fontes analisadas, se inserem um pouco por cada categoria (branca, cinza, negra):

- a) Medidas “brancas”: aqui podemos inserir, por exemplo, a disseminação de desinformação através do canal RT, financiado pelo Kremlin e que, segundo alguns dados adquiridos (House Permanent Select Committee on Intelligence, 2018), existe sob influência editorial do próprio governo. Por exemplo, este canal foi especialmente crítico com a candidata Clinton, durante a campanha.
- b) Medidas “cinza ”: nesta categoria, tanto o relatório ICA (Director of National Intelligence, 2017), como o relatório de Mueller demonstram evidências de uma campanha subversiva com presenças nas redes sociais, com intuits de provocar discórdias sociais nos EUA Este caso é um exemplo da existência de portais (neste caso virtuais) pró-Kremlin. A IRA, referida no estudo de caso, é apoiada pela oligarquia próxima de Putin, especificamente por Yevgeniy Prigozhin.
- c) Medidas “negras”: paralelamente às medidas já categorizadas, as operações que se considerariam "negras", de acordo com o *framework* estabelecido, seriam as caracterizadas

pelo ataque das contas de e-mail do DNC, e da campanha de Clinton. Fizeram-no ao adquirir e expor material confidencial para danificar a candidata em questão. Aqui vemos tanto a presença de ciberataques, como a presença de difamação política, em conjunto com as outras medidas. Para além disto, foi possível averiguar, segundo os dados obtidos, a existência da falsificação e manipulação de informação, muito graças às redes sociais, o que fomentou maior divisão social.

Assim, respondendo à questão de pesquisa, a Rússia interferiu nas eleições americanas das seguintes formas: ao mesmo tempo que usavam métodos tradicionais para influenciar a opinião pública como a propaganda e a espionagem, estavam focados em explorar as oportunidades oferecidas pela Internet, pelas redes sociais, pela liberdade de imprensa e pela abertura das sociedades ocidentais para influenciar os eleitores. Foram particularmente eficazes através de ataques cibernéticos, ao hackear servidores de e-mails americanos, usando contas artificiais e *trolls* nas redes sociais, posicionando-se como pontos de comunicação objetivos, usando o Wikileaks para divulgar comunicações roubadas e privadas com o intuito de prejudicar ou impulsionar diferentes candidatos políticos. Parece claro que as operações da Rússia expuseram fraquezas no sistema eleitoral americano e também na coesão do próprio eleitorado. Várias das falhas do sistema eleitoral foram descritas no relatório de Mueller, como o facto da Rússia ter conseguido lançar uma campanha de desinformação pela Internet para alimentar a discórdia entre o eleitorado dos EUA, promover a baixa participação de eleitores e, eventualmente, promover a candidatura de Donald Trump (Mueller, 2019). As operações russas descritas no estudo de caso tiveram sucesso em parte por causa de lacunas na lei de financiamento de campanhas dos EUA – este “lapso” permite que muitos dos anúncios políticos no meio virtual não sejam regulados. Para além disto, houve um fracasso por parte da Comissão Federal de Eleições (FEC) em impor as regras já existentes (Mueller, 2019). Os dados também mostraram que a inteligência russa visou as infraestruturas eleitorais e empresas privadas que fornecem tecnologia eleitoral aos estados, permitindo que invadissem bases de dados dos eleitores. Embora não haja evidências, como vimos, para apoiar a noção de que os russos adulteraram os próprios votos, estes ataques poderão ser apenas um teste para operações futuras, de forma a interferir nas eleições americanas e posteriormente questionar os seus resultados finais. É importante referir também que houve pontos críticos que a Rússia atacou de modo a afetar a coesão social americana, referido na investigação

de Mueller (2019), como a acentuação de divergências na divisão entre direita e esquerda política, a escolha de afro-americanos e outras comunidades de minorias como alvo de uma campanha de supressão de votos, com contas falsas e *trolls* a fomentarem mais desinformação e um sentimento de desinteresse político.

Este estudo auxiliou na determinação daquilo que pode ser a motivação do Kremlin — um desejo de expandir os seus interesses ou, pelo menos, de os manter, limitando influências ocidentais ao enfraquecê-las. Os interesses passam por uma demonstração de que a democracia liberal americana não é tão de confiança como parece, diminuindo o poder americano no sistema internacional, graças também a um Presidente isolacionista como Trump. Os documentos de segurança nacional dos EUA destacaram os objetivos russos. A Estratégia de Defesa Nacional dos EUA, por exemplo, observa que existe uma competição com países como a China e a Rússia. Nessa mesma fonte é explicado que a Rússia procura maior autoridade sobre as nações periféricas “em termos de suas decisões governamentais, económicas e diplomáticas, para destruir a Organização do Tratado do Atlântico Norte e mudar as estruturas económicas e de segurança da Europa e do Oriente Médio a seu favor” (U.S. Department of Defense, 2018). Parece que a Rússia está mais interessada num mundo dividido em esferas de influência em vez de um que procure a unidade global, tendo em conta as evidências revistas nesta dissertação. Tal como foi exposto na contextualização e reforçado no estudo de caso, a Rússia, através da sua interferência, aparenta querer fragilizar os EUA, especificamente a influência e credibilidade americana, através da divisão social manipulada durante as eleições de 2016.

A Rússia não mostra sinais de abandonar estas medidas como forma de influência, pelo menos até que os seus custos de utilização sejam maiores do que os benefícios que trazem. De acordo com um comunicado do Diretor de Inteligência Nacional, datado de 19 de outubro de 2018, a Rússia não suspendeu as suas operações e “pode tentar influenciar a perceção e a tomada de decisões dos eleitores nas eleições de 2018 e 2020 nos EUA” (Director of National Intelligence, 2018). Posto isto, é expectável uma permanência ou até mesmo um aumento da utilização de medidas ativas por parte da Rússia. Tal como Reagan agiu contra a União Soviética, os EUA devem organizar e concentrar os seus esforços nas próximas épocas eleitorais. Em 2018, no documento onde é exposta a Estratégia de Defesa Nacional, é indicado que as medidas ativas russas e atos semelhantes de outros Estados são uma ameaça à segurança nacional dos EUA (U.S. Department of Defense, 2018). Assim, várias agências federais dos EUA já fundaram grupos

dedicados a minimizar as operações externas e também a educar o público sobre medidas ativas russas. O FBI estabeleceu a chamada “Foreign Influence Task Force”, cujo objetivo é investigar tentativas de influência estrangeira e conseqüente coordenação com outras entidades, incluindo empresas, organizações e autoridades locais de forma a lutar contra a disseminação de desinformação, especialmente no que se refere às eleições nos EUA (Federal Bureau of Investigation, 2018). Além disso, foi criado um website focado em educar campanhas políticas e o público sobre como praticar uma melhor cibersegurança para impedir que haja interferência por atores externos. Paralelamente, a Agência de Segurança Nacional e o Comando Cibernético dos EUA criaram um grupo conjunto chamada “Russia Small Group”, com o propósito de identificar e combater a influência russa no domínio cibernético (Nakashima, 2018), mas não sabemos muita informação acerca do mesmo, visto que o governo não revelou publicamente nenhum detalhe sobre as atividades concretas do grupo. Embora os EUA estejam a tomar medidas para contrariar as medidas ativas da Rússia, terão de ser feitas futuras investigações para determinar se serão suficientes.

Assim, chegamos ao fim deste estudo e, tendo toda a informação em conta, penso que é importante notar que, daqui para a frente, existirão novas pistas de investigação aparentemente mais dedicadas à luta contra possíveis operações externas, tanto medidas ativas da Rússia como acções de outros países, de forma a avaliar quais as mais eficazes, talvez através de eventuais estudos comparativos. Ao longo da investigação, repara-se numa abundância de informação acerca da detecção de medidas ativas e relativamente poucos dados contemporâneos no que diz respeito à luta contra as mesmas. Nesta dissertação foram encontrados alguns obstáculos, sendo o maior o da língua. Sendo esta dissertação acerca de interferência russa nas eleições americanas, só foi possível analisar fontes e dados provenientes de elementos ocidentais, onde a língua mais comum é a inglesa. Isto torna a dissertação mais *one-sided*, visto ser uma visão ocidental das medidas ativas. O segundo entrave encontrado foi a questão da confidencialidade de certas fontes primárias. Alguns dos relatórios têm bastante informação cortada visto pertencerem a investigações em curso, pelo que haverá dados ainda por revelar ao público, que decerto influenciarão mais o conhecimento acerca desta temática.

6. BIBLIOGRAFIA

- About Presidential Executive Office. (January de 2020). Obtido de: President of Russia: <http://en.kremlin.ru/structure/administration>
- Abrams, S. (2016). "Beyond Propaganda: Soviet Active Measures in Putin's Russia". *Connections: The Quarterly Journal*, 15(1) pp. 5-31.
- Alaca, A. İ. (2016). "Hybrid Threats and New Conflicts in the International System". *Journal of International Relations and Foreign Policy*, 4(2), pp. 27-43.
- AP News. (2018). The Latest: Putin again denies interference in US election. Retrieved from <https://apnews.com/757950c7c6e44ed98a2573e295fd2fa3>
- Banasik, M. (2016). "Russia's Hybrid War in Theory and Practice". *Journal on Baltic Security*, 2(1), pp. 157-182.
- Bhattacharjee, A. (2012). Data Analysis. In: Anol Bhattacharjee, *Social Science Research: Principles, Methods, and Practices* (pp. 113-129), CreateSpace Independent Publishing Platform.
- Biersack, J., & O'Lear, S. (2015). "The geopolitics of Russia's annexation of Crimea: narratives, identity, silences, and energy". *Eurasian Geography and Economics*, 55(3), pp. 247-269.
- Blackwill, R. D., Gordon P. H. (2018). "Containing Russia: How to Respond to Moscow's Intervention in U.S. Democracy and Growing Geopolitical Challenge". *Council on Foreign Relations*, pp. 10-15.
- Broniatowski, D. A., et al. (2018). "Weaponized Health Communication: Twitter Bots and Trolls Amplify the Vaccine Debate". *American Journal of Public Health*, 108(10), 1378–1384.
- Bowen, G. (2009). "Document Analysis as a Qualitative Research Method". *Qualitative Research Journal*, 9(2), pp. 27-40.
- Bowen, A. S. (2017). "Coercive diplomacy and the Donbas: Explaining Russian strategy in Eastern Ukraine". *Journal of Strategic Studies*, 42(3-4), pp. 312-343.
- Chivvis, C.S. (2017). "Hybrid war: Russian contemporary political warfare". *Bulletin of the Atomic Scientists*, 73(5), pp. 316-321.

- Chivvis, C. S. (2017). "Understanding Russian "Hybrid Warfare": And What Can Be Done About It". *RAND Corporation*. Testemunho apresentado perante o Comité de Serviços Armados da Câmara em 22 de março de 2017. Obtido de: <https://www.rand.org/pubs/testimonies/CT468.html>
- Conley A. H., et al. (2016). *The Kremlin Playbook: Understanding Russian Influence in Central and Eastern Europe*. Washington, DC. Center for Strategic and International Studies.
- Darczewska, J., & Zochowski, P. (2017). "Active Measures: Russia's Key Export". *OSW: Center for Eastern Studies*, nº64, pp. 1-71.
- Darczewska, J. & Zochowski, P. (2017). "Russia's 'Activity' toward the West—Confrontation by Choice. *Russian Analytical Digest*, nº 212, pp. 1-6.
- Director of National Intelligence. (2018). "Combating Foreign Influence in U.S. Elections" (online). Comunicação conjunta do ODNI, DOJ, FBI e DHS. Washington, DC. Obtido de: <https://www.dni.gov/index.php/newsroom/press-releases/item/1915-joint-statement-from-the-odni-doj-fbi-and-dhs-combating-foreign-influence-in-us-elections>
- Director of National Intelligence. (2017). "ICA: Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections" (online). Comunicação conjunta do FBI, CIA e NSA. Washington D.C. Obtido de: https://www.dni.gov/files/documents/ICA_2017_01.pdf
- Dugin, A. (2015). *Geopolítica da Rússia Contemporânea*. Lisboa, IAEGCA.
- Esch, P. v., & Esch, L. J. (2013). "Justification of a Qualitative Methodology to Investigate the Emerging Concept: The Dimensions of Religion as Underpinning Constructs for Mass Media Social Marketing Campaigns". *Journal of Business Theory and Practice*, 1(2), pp. 214-243.
- Federal Bureau of Investigation (2018). "Combating Foreign Influence." (online). Obtido de: <https://www.fbi.gov/investigate/counterintelligence/foreign-influence>
- Galeotti, M. (11 de Maio de 2016). "Putin's Hydra: Inside Russia's Intelligence Services" (online). Obtido de European Council on Foreign Relations: https://www.ecfr.eu/publications/summary/putins_hydra_inside_russias_intelligence_services
- Galeotti, M. (1 de Setembro de 2017). "Controlling Chaos: How Russia Manages Its Political War in Europe" (online). Obtido de European Council on Foreign Relations: https://www.ecfr.eu/publications/summary/controlling_chaos_how_russia_manages_its_political_war_in_europe

- House Permanent Select Committee on Intelligence (2018). “Report on Russian Active Measures” (online), pp. 1-131. Washington D.C. Obtido de: https://docs.house.gov/meetings/IG/IG00/20180322/108023/HRPT-115-1_1-p1-U3.pdf
- Isaac, M. & Wakabayashi, D. (30 de Outubro de 2017). “Broad Reach of Campaign Is Disclosed” (online). *New York Times*. Obtido de: <https://www.nytimes.com/2017/10/30/technology/facebook-googlerussia.html>
- Kennan, G. F. (1948). “The Inauguration of Political Warfare” (online). US Department of State Policy Planning Staff memorandum to the National Security Council. Acedido em 27 de Janeiro de 2020. Obtido de: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/114320>
- Kux, D. (1985). “Soviet Active Measures and Disinformation: Overview and Assessment. Parameters”, *Journal of the US Army War College*, 15(4), pp. 1-32.
- Kremlin (25 de Abril de 2005). “Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation” (online). Obtido de: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22931>
- Lipman, M. (2013). “The Kremlin Turns Ideological: Where This New Direction Could Lead”, in: Maria Lipman, & Nikolai Petrov, *Russia 2025: Scenarios for the Russian Future*, pp. 220-239. Palgrave MacMillan.
- Lynch, A. C. (2001). “The Realism of Russia's Foreign Policy”. *Europe-Asia Studies*, 53(1), pp. 7-31.
- Maness, R., & Valeriano, B. (2015). “Russia's Coercive Diplomacy - Energy, Cyber, and Maritime Policy as New Sources of Power”. Palgrave Macmillan.
- Medvedev, D. (Fevereiro de 2016). Discurso de Dmitry Medvedev no Painel de Discussão apresentado na Conferência de Segurança de Munique. Obtido de: <http://government.ru/en/news/21784/>
- Mueller, R. (2019). “Report on the Investigation into Russian Interference in the 2016 Presidential Election” (online). Department of Justice. Obtido de: <https://www.justice.gov/storage/report.pdf>
- Nakashima, E. (2018). “NSA and Cyber Command to coordinate actions to counter Russian election interference in 2018 amid absence of White House guidance”. *Washington Post*. Obtido de: https://www.washingtonpost.com/world/national-security/nsa-and-cyber-command-to-coordinate-actions-to-counter-russian-election-interference-in-2018-amid-absence-of-white-house-guidance/2018/07/17/baac95b2-8900-11e8-85ae-511bc1146b0b_story.html

- Nye, Joseph S. (2004). *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs.
- Office of Deputy Attorney General. (2017). “Appointment of Special Counsel to Investigate Russian Interference with the 2016 Presidential Election and Related Matters” (online). Washington D.C. Obtido de: <https://www.justice.gov/opa/press-release/file/967231/download>
- Panait, I. (2015). “The Hybrid War Concept - Arguments for and Versus”. *Research and Science Today Journal*, nº3, pp. 130-141.
- Putin, V. (Fevereiro de 2007). Discurso e discussão na Conferência de Segurança de Munique sobre políticas de segurança. Obtido de: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>
- Rumer B. E. (2017). “Russian Active Measures and Influence Campaigns”. Testemunho apresentado perante o Comité Seleccionado de Inteligência do Senado dos Estados Unidos, 30 de Março de 2017 pp. 1-7. Obtido de: <https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/os-eumer-033017.pdf>
- Russian Federation (2015). “The Russian Federation National Security Strategy” (online). Acedido em 11 de Novembro de 2019. Obtido de: <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>
- Saari, S. (2014). “Russia’s Post-Orange Revolution Strategies to Increase its Influence in Former Soviet Republics: Public Diplomacy po Russkii”. *Europe-Asia Studies*, 66(1), pp. 50-66.
- Select Committee on Intelligence United States Senate. (2020a). “Russian Active Measures Campaigns and Interference In The 2016 U.S. Election Volume 1: Russian Efforts Against Election Infrastructure With Additional Views” (online), pp. 1-40. Washington D.C. Obtido de: https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/Report_Volume1.pdf
- Select Committee on Intelligence United States Senate. (2020b). “Russian Active Measures Campaigns and Interference In The 2016 U.S. Election Volume 2: Russia's Use Of Social Media With Additional Views” (online), pp. 1-85. Washington D.C. Obtido de: https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/Report_Volume2.pdf
- Select Committee on Intelligence United States Senate. (2020c). “Russian Active Measures Campaigns And Interference In The 2016 U.S. Election Volume 4: Review Of The Intelligence Community Assessment With Additional Views” (online), pp. 1-158. Washington D.C. Obtido de: https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/documents/Report_Volume4.pdf

Shakleyina, T. A., & Bogaturov, A. D. (2004). “The Russian Realist school of international relations”. *Communist and Post-Communist Studies*, nº37 pp. 37-51.

Tienhoven, M. V. (2016). Identifying “Hybrid Warfare”, Dissertação de Mestrado em Administração Pública, Leiden, Departamento de Gestão de Crises e Segurança. Universidade de Leiden. Obtido de:

https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/53645/2016_Tienhoven_van_CSM.pdf?sequence=1

Tsygankov, A. P. (2008). “Russia’s International Assertiveness: What Does It Mean for the West?”, *Problems of Post-Communism*, 55(2), pp. 38–55.

U.S. Department of Defense (2018). "Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America" (online). Washington, DC, pp. 2. Obtido de: <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>

Volkov, V. (2005). “Will the Kremlin Revive the Russian Idea?”, PONARS Policy Memo (370), pp. 17-22.

Watts, C. (2017). Audiência perante o Comité Seleccionado de Inteligência do Senado dos Estados Unidos, 30 de Março de 2017. Obtido de: <https://www.intelligence.senate.gov/hearings/open>

Watts, C. (22 de Maio de 2018). “Russia’s Active Measures Architecture: Task and Purpose”. *Alliance for Securing Democracy*. Obtido de: <https://securingdemocracy.gmfus.org/russias-active-measures-architecture-task-and-purpose/>